

**GÊNERO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UMA BREVE
ABORDAGEM DENTRO DO CONTEXTO DO CENTRO VOCACIONAL
TECNOLÓGICO CAMPOS/SOLDA/ FAETEC**

GENDER AND PROFESSIONAL TRAINING: A BRIEF APPROACH WITHIN THE
CONTEXT OF THE TECHNOLOGICAL VOCATIONAL CENTER
CAMPOS/SOLDA/FAETEC

Camila Ribeiro Teodoro

Especialização em PROEJA, Instituto Federal Fluminense, FAETEC Campos Solda/RJ.
camilariteodoro@gmail.com

Liz Daiana Tito Azeredo da Silva

Doutora em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro – UENF/RJ. jolizdaiana@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.
elinaff@gmail.com

RESUMO

A partir dos anos de 1970, a mulher ingressa de forma mais massiva no mercado de trabalho e, historicamente, se perpetua como mão de obra de baixo custo explorada, com menores chances, salários e, conseqüentemente, uma sombra da identidade masculina. Sendo assim, certas áreas são rotuladas socialmente como espaço de atuação masculina. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo apresentar de que maneira se permeiam a participação das mulheres nos cursos profissionalizantes, em especial nos cursos de soldas, ofertados pelo Centro Vocacional Tecnológico (CVT), pertencentes à Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec). A proposta de Ensino Profissional surge antes de 1909 com as Escolas de Aprendizes Artífices, dentro de uma política inclusiva que buscava o preparo técnico e intelectual dos desfavorecidos, a fim de que fossem adquiridos hábitos de

trabalho, o afastamento da ociosidade, do vício e do crime. Para tal proposta, a pesquisa se valeu de uma metodologia qualitativa, com fundamentação teórica de Bauman (2021); Wirth (2010); e Soares (1981); além de fontes documentais, a saber: fichas de matrículas, diários de turmas e relatórios finais do CVT/Solda. Neste contexto, as teorias de gênero corroboram no entendimento da lógica capitalista reforçada pelo patriarcado, fazendo assim urgente, a ampliação do debate acerca das desigualdades de gênero, em prol do compromisso na defesa dos direitos humanos contra todas as formas de discriminação e de preconceito.

Palavras-chave: ensino profissional; solda; mulheres.

ABSTRACT

From the 1970s, women began to enter the labor market more massively and, historically, perpetuated themselves as exploited low-cost labor, with lower chances, wages and, consequently, became a shadow of the male identity. Thus, certain areas are socially labeled as a space for men's work. In view of this, the present study aims to present how the participation of women in vocational courses, especially in welding courses, offered by the Centro Vocacional Tecnológico (CVT), belonging to the Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec), is permeated. The Professional Education proposal arises before 1909 with the Schools for Apprentice Artisans, within an inclusive policy that sought the technical and intellectual preparation of the disadvantaged, so that they would acquire work habits, away from idleness, vice and crime. For such a proposal, the research made use of a qualitative methodology, with theoretical foundations from Bauman (2021); Wirth (2010); and Soares (1981); in addition to documentary sources, namely: enrollment forms, class diaries, and final reports from the CVT/Solda. In this context, gender theories corroborate the understanding of the capitalist logic reinforced by patriarchy, thus making it urgent to expand the debate about gender inequalities, for the sake of commitment in the defense of human rights against all forms of discrimination and prejudice.

Keywords: vocational education; welding; women

INTRODUÇÃO

Foi-se os anos em que a mulher não ocupava lugar no ambiente industrial, ficando à sombra da identidade masculina. A mulher possuía menores chances e salários, situação está que nos direciona a uma reflexão, uma vez que a desigualdade de gênero ainda é fortemente marcada em nossa sociedade, isto é, a desigualdade de gênero advém quando há privilégio de um em detrimento de outro gênero.

Percorreremos neste artigo que foi a partir dos anos 1970 que a mulher ingressa de forma mais massiva no mercado de trabalho. No contexto da soldagem, este vem se mostrando um espaço cada vez mais diversos e heterogêneo. Diante disto, o objetivo deste trabalho é ampliar o debate acerca das desigualdades de gênero e compreender sua

inserção e representatividade em alguns setores onde ainda perdura por disparidades. Assim, para tal contextualização, o cenário aqui tratado são os cursos de soldas, ofertados pelo Centro Vocacional Tecnológico (CVT), pertencentes à Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec).

Dessa forma, buscou-se responder o seguinte questionamento: de que maneira se permeiam a participação das mulheres nos cursos profissionalizantes em solda?

Para responder tal indagação, a fundamentação teórica percorreu as abordagens de Bauman (2021), Wirth (2010), Soares (1981), dentre outros. Além de fontes documentais, a saber: fichas de matrículas, diários de turmas e relatórios finais do CVT/Solda.

Vale apontar também que, as autoras deste estudo são supervisoras educacionais do CVT/Solda, engajadas no compromisso com a defesa dos direitos humanos contra todas as formas de discriminação e preconceito, pautando em suas ações profissionais a valorização e representatividade da mulher na sociedade.

Nesse contexto, a organização deste estudo se deu em três partes:

A primeira parte “A política dos cursos profissionalizantes: uma breve análise do caso Centro Vocacional Tecnológico CAMPOS- SOLDA”, traz apontamentos acerca do processo de implantação dos cursos, no contexto do ensino profissional, traçando uma abordagem histórica e política, percorrendo o caminho até o CVT- Campos Solda, pertencentes à Rede Faetec (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro).

Na segunda parte “Gênero e desigualdade social”, atrelados às questões de gênero, e como o papel da mulher é produzido e reproduzido socialmente, nos conduzimos à discriminação e ao preconceito como uma das grandes reivindicações travadas pela luta histórica.

E a terceira parte “A formação profissional no campo da soldagem” trazemos os aspectos da formação profissional, tomando como base o acervo de dados do CVT/Solda, extraídos das fichas de matrículas e dos documentos que retrataram a implantação da instituição.

DESENVOLVIMENTO

A POLÍTICA DOS CURSOS PROFISSIONALIZANTES: UMA BREVE ANÁLISE DO CASO CENTRO VOCACIONAL TECNOLÓGICO CAMPOS- SOLDA

Ao analisarmos os cursos profissionalizantes no Brasil é comum associá-los ao surgimento das Escolas de Aprendizes Artífices, no plano federal, pelo presidente Nilo Peçanha. No entanto, conforme destaca Soares (1981, p.69), as ações profissionalizantes se sistematizaram antes de 1909.

Com o objetivo e estruturas internas semelhantes ao âmbito federal tivemos: em 1906, a criação de quatro escolas profissionais, por Nilo Peçanha, na ocasião Presidente do Estado do Rio de Janeiro; em 1906, a criação de campi, oficinas escolares e institutos profissionais em cada município, conforme propunha o anteprojeto de Lei, enviado ao Congresso Nacional pelo “Congresso de Instrução” e, em 1875, a criação dos ‘Asilos de Meninos Desvalidos’. Estas propostas de políticas inclusivas buscavam o preparo técnico e intelectual dos desfavorecidos, a fim de que fossem adquiridos hábitos de trabalho e, conseqüentemente, o afastamento da ociosidade, do vício e do crime.

O ensino profissional era destinado àqueles que não apresentassem nenhum impeditivo físico limitante de aprendizagem do ofício, em geral, era dividido em disciplinas de instrução primária elementar e conhecimentos práticos de áreas da indústria. Sendo as oficinas segmentadas conforme a divisão sexual do trabalho:

(...) para homens – carpinteiro, marceneiro, torneiro de madeira, entalhador, escultura em gesso, madeira e pedra, fundidor de tipos, fundidor de metais, litografia, gravuras em pedra, gravura em madeira, serralheiro, modelagem, torneiro de metais, instrumentos de precisão; para mulheres – tipografia, litografia e gravura, relojoaria, telégrafos e correios, papelaria, fábrica de vidros, preparo de tecidos. (SOARES, 1875, p.73)

Inseridos na mesma lógica de Programas de Inclusão Social, a partir do século XIX, são criados os Centros Vocacionais Tecnológicos – CVT (s) do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), conforme destacam Neto (2010, p.3), sobretudo para aqueles que não tiveram condições de aproveitar a oferta do sistema de educação formal.

Influenciados por várias políticas públicas em vários países, tais como Alemanha, China, Países Nórdicos, Reino Unido, França, EUA e Portugal, este Programa surge no Brasil em 2003, no estado do Ceará, pelo Deputado Federal Ariosto Holanda (1995-2002).

Nos estudos de Castioni (2014, p.13) compreendemos que, atualmente, a rede CVT (s) está distribuída por todas as regiões brasileiras e no Distrito Federal, se concentrando em municípios de grande porte, conforme classificação do IBGE, nas Regiões Sudeste e Nordeste. Este estudioso destaca que os CVT(s) foram criados a partir de três tipologias, que podemos destacar: capacitar profissionalmente e apoiar os Sistemas de Ensino em Ciências; capacitar profissionalmente em apoio à Demanda Produtiva Local e; por último, a mescla dos dois tipos anteriores.

Neste estudo, se destaca em específico na Rede Faetec (Fundação de Apoio à Escola Técnica do Rio de Janeiro), o CVT- Campos Solda, que busca principalmente na primeira tipologia, uma formação científica e tecnológica, alinhada às demandas econômicas e sociais das comunidades locais ou regionais.

Conforme consta no Projeto Político Pedagógico, o Centro Vocacional Tecnológico (CVT) de Solda foi inaugurado no dia 6 de abril de 2009 pela Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec) e está situado na Avenida Alberto Lamego nº 712, no bairro Parque Califórnia, no município de Campos dos Goytacazes. A escola está instalada numa área de 1200m², sendo 532 m² ocupados por laboratórios e oficinas especializadas.

Por meio dos cursos oferecidos pelo MEC, e pelas unidades de educação da Confederação Nacional da Indústria (CNI), de forma complementar, foi identificado o Arranjo Produtivo Local - APL(s), a partir da demanda dos cursos da área de Solda. Desde suas criações até a presente data, os cursos ofertados nesta unidade foram: Caldeiraria, Encanador Industrial, Soldagem com Eletrodo Revestido, Soldagem Oxiacetilênica, Soldagem MIG-MAG, Soldagem TIG, Inspeção de Solda, Pintura Industrial, Arco Submerso, Líquidos Penetrantes e Partículas Magnéticas.

O CVT- Campos/Solda já formou os seguintes quantitativos de alunos: 504 em 2009, 846 em 2010, 597 em 2011, 635 em 2012, 520 em 2013, 351 em 2014, 404 em 2015, 215 em 2016, 71 em 2017, 131 em 2018, 50 em 2019, 17 em 2021 e 193 em 2022.

Convém destacar algumas particularidades que irão explicar o decréscimo dos aprovados: entre os anos de 2016, 2017 e 2018, enfrentava-se uma crise financeira, onde o governo do estado escolheu pagar em dia apenas os trabalhadores da Educação e do Degase. Nesta ocasião, todos os instrutores tiveram seus contratos suspensos e a empresa terceirizada teve o seu contrato cancelado restando, dessa forma, apenas dois funcionários concursados inviabilizando as atividades na unidade.

No que diz respeito ao ano de 2020, através de Solis (2021, p.159) recordamos que, em 13 de março, o governo do Estado do Rio de Janeiro decreta medidas temporárias de prevenção ao contágio e de enfrentamento da propagação advinda do Novo Coronavírus, tornando inviável o ensino profissionalizante, visto que, maior parte da carga horária ocorre com aulas práticas. As aulas foram retomadas apenas no segundo semestre de 2021.

Essa demanda formada tem se voltado para os mercados sucroalcooleiros, *offshore*, indústria naval, termoelétricas, siderúrgicas, montadoras de automóveis e estaleiros, para citar alguns setores, e foi reforçada em 2014 com a construção, no município vizinho de São João da Barra, do maior complexo porto-indústria privado da América Latina, o Porto do Açú, conforme fontes verificadas no site desta empresa.

GÊNERO E DESIGUALDADE SOCIAL

As mulheres representam a maioria da população brasileira, entretanto, a sua inserção e a representatividade em alguns setores ainda perdura por desigualdades. Uma informação sobre a situação de desigualdade foi extraída da Organização Internacional do

Trabalho (OIT), diante do relatório intitulado “Perspectivas Sociais e de Emprego no Mundo: tendências para mulheres 2018”, revelando que a taxa mundial de participação feminina no mercado de trabalho é de 48,5%.

Por meio da reflexão de Wirth (2010), que nos revela que foi a partir dos anos 1970 que a mulher ingressou de forma mais massiva no mercado de trabalho, podemos entender que a divisão entre masculino e feminino se conserva, fortalecendo assim, uma divisão sexual do trabalho remunerado. As contribuições de Wirth (2010) ainda nos apontam que, as evidências de desigualdade salarial, de segmentação da força de trabalho feminina, bem como a violência contra a mulher no local de trabalho, permeavam o cenário das primeiras fábricas.

À luz dos estudos de Bauman (2021, p.43) - com a passagem da modernidade sólida, que era construída a partir de padrões de longa duração, para modernidade líquida, onde se emanam novos padrões compatíveis com o capitalismo, com a ruptura da rotina e da tradição - verificamos o crescente sentimento de individualidade sobre o coletivo. Nesta lógica, “os seres humanos não mais “nascem” em suas identidades”, conforme destaca Bauman (2021, p.44), visto que na vida moderna, se faz necessário se tornar o que já existe.

Nesta perspectiva, na sociedade sólida caberia à classe e ao gênero acomodar em nichos e determinar o domínio da natureza sobre os indivíduos. Com a procura da satisfação do prazer pessoal, visto agora como indivíduos e cada vez mais longe de cidadãos, legitimou-se academicamente os estudos feministas nos anos de 1980. O termo *gênero*, passa a ser compreendido como “construções culturais”, que rejeitam afirmativas que consideram apenas explicações biológicas, impostas sobre um corpo sexuado, igualmente destacado por Scott (1990, p. 75).

Na lógica da modernidade líquida, os mercados de trabalho assumem uma postura flexível, caracterizada pela incerteza, com “contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas “até nova ordem”, afirmados por Bauman (2021, p.185).

A ideia disseminada do caráter da incerteza do ato cognitivo, permite que os conhecimentos pertinentes sejam verificados por exames, conforme destaca Morin (2002, p.86). Nesta compreensão da nova consciência de incerteza, leva-se à necessidade de enfrentamento, de ruptura de paradigma. Somente o conhecimento acumulado, ao longo do processo de aprendizagem na educação formal, não atende à demanda do mercado de trabalho.

A lógica capitalista tem exigido uma modernização tecnológica dos equipamentos, que garante a racionalização técnica, bem como racionalização organizacional do trabalho flexível. Exige-se cada vez mais trabalhadores com competências de multifuncionalidades,

fato que reforça a construção social de que as mulheres são capazes de desempenhar vários afazeres ao mesmo tempo.

Dessa forma, podemos compreender que apesar de sempre ter desempenhado trabalhos pesados, tais como “arar a terra, cuidar de animais, esfregar o chão, lavar roupas e transportar água, cortar cana, carregar os filhos, entre outros” foi somente com a passagem da manufatura para a grande indústria que houve a incorporação da mulher no mercado de trabalho, como podemos observar em Quirino (2015, p.3).

Historicamente, o mercado se dividiu em funções de trabalho para o homem, voltado para a produção material, garantindo-lhes maior prestígio na sociedade e, para as mulheres, o cuidado e assistência, tidas como pouco prestígio social, ressaltadas por Goes (2021, p.52). Uma divisão sexual do trabalho que estabeleceu empregos femininos, considerados mais “leves” e empregos masculinos tidos como “pesados”, visto em Gomes (2020, p.3906).

Essa necessidade de representação social baseada no sexo biológico, começa desde o preparo do enxoval de acordo com o descobrimento do sexo. A cor rosa, que representa a delicadeza, e se estende na infância com brincadeiras de bonecas, ursinhos, representando o espaço de brincar em casa; se contrapõe à cor azul, que representa a virilidade, estendida na infância com brincadeiras na rua, se utilizando de bolas e carrinhos, observadas por Gomes et al. (2020, p.3728).

Neste contexto cabe à educação, entendida como uma prática social inserida no contexto cultural, reforçar o patriarcado. Em Santos et al. (2020, p.3896) compreendemos que esta forma de dominação instituída no sistema capitalista, tem reproduzido desigualdades de gênero, observadas nas instituições escolares por meio de códigos, linguagens e representações culturais do modelo adequado de masculinidade e feminilidade.

Quando se busca compreender as explicações de se permanecer na escola, a partir da teoria de gênero, para os meninos a escola significa “ocupar o lugar que já lhes é reservado na sociedade, porém com mais domínio e sagacidade” e, para as meninas, compreende a “possibilidade de uso de si própria através de uma profissão, de modo que sejam independentes em relação aos futuros maridos e companheiros”, compreendidos em Silva et al. (2008, p.15).

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO CAMPO DA SOLDAGEM

Em 2010, por meio de um levantamento feito pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a atuação da mulher na soldagem representava 3% do total de profissionais, não levando em consideração somente os números, mas a sua enorme representatividade, tendo em vista que este também é um espaço conquistado por elas, e

cada vez mais abrangente.

Nos cursos ofertados na unidade CVT- Campos/ SOLDA, desde a criação em 2009 até a presente data, ainda existe a predominância masculina, verificada a partir do quantitativo de aprovados de homens e mulheres. Em todos os cursos se observou que a presença das mulheres existentes não chega nem ao percentual de 20% das turmas, em nenhum ano, atingindo no máximo 15% na área de Inspetor de Solda, que não apresenta a habilidade prática da solda.

A indústria da soldagem apresenta um grande potencial, no que diz respeito a atingir 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) no Brasil, conforme destaca Smallbone et al. (2022, p.1). Apesar da predominância masculina, notamos que as mulheres vêm buscando participar deste campo de trabalho. As características vistas como naturalmente femininas têm possibilitado o acesso da mulher no campo da solda, no entanto, as mesmas habilidades têm desvalorizado e desqualificado seu trabalho, como podemos observar nas citações apresentadas:

Para se fazer uma boa solda, lisinha e fininha, que hoje em dia exige muita minúcia e habilidade, só mesmo mulher para fazer. Ou então robôs. A solda fica como uma costura, retinha, sem rugas (Sup.2). (QUIRINO, 2015, p.5).

Mulher tem a mão mais leve para acionar o painel do caminhão. Também treinaram muito apertando os botões da máquina de lavar! (risos) (Operador 2) (QUIRINO, 2015, p.5).

Na busca da mudança deste cenário, que seria uma maior participação e valorização das atividades de solda exercidas pelas mulheres, necessitamos repensar os seguintes aspectos no contexto escolar, conforme destaca Junges et al. (2022, p.4-13): fomentar afinidades com os conteúdos das disciplinas da área de ciências, tecnologias, engenharia e matemática, as carreiras STEAM; proporcionar um maior incentivo, sendo estimulado pelos professores e todo o ambiente educacional; desenvolver estratégias de influência e superação de preconceitos, via projetos de extensão ou grupos de discussão, proposta que visa buscar o sentimento de pertencimento nas estudantes.

Para além das alternativas mais práticas, ainda cabe a necessidade de se romper com os modelos tradicionais, para que desta forma, a escolarização não apenas permita o acesso às áreas de soldagem, mas também à sua ascensão, visto que, as mulheres ainda são minoria nos cargos de chefia.

Os caminhos são múltiplos e longos para que haja uma mudança estrutural, mas vêm sendo pensados por diversos países. Em Góes (2021, p.59) foram apontadas algumas medidas que são consideradas importantes, tais como: alterar as regras salariais para aqueles que “punem” a maternidade; disponibilizar quantitativo de mulheres ocupando

cargos de gestão; requisito de candidatas mulheres entre os candidatos de processos seletivos; ampliação de licença-maternidade; adoção de medidas de transparência salarial e; por fim, buscar o diálogo no que diz respeito ao preconceito e à discriminação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, toda a comunidade escolar em questão tem buscando dialogar sobre a desigual participação da mulher no campo de formação profissional da solda, para que, dentre as ações concentradas e pensadas coletivamente, no projeto político pedagógico, venham promover não somente o acesso, que perpassa pelo entendimento de criação do sentimento de pertencimento, a partir de relatos de soldadoras formadas nesta instituição em seu meios de comunicação, mas também compreender seu percurso, sua permanência neste curso, suas histórias de persistência dentro do âmbito da sala de aula.

Contudo, podemos destacar que, apesar da existência de mulheres na solda, nas instituições de ensino, em especial nos Centros Vocacionais que são caracterizados como educação não formal, faz-se necessário ainda criar muitas estratégias que promovam oportunidades, no sentido de enfrentamento de todas as formas de discriminação e de preconceito, visto que na “solda também é lugar de mulher!”.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzein -1ª ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

CASTIONI, Remi; BOUSKELA, Mauricio; RADAELLI, Vanderléia. **Análise e trajetória do Programa Centros Vocacionais Tecnológicos no Brasil**. Washington: IADB - Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2013. 40 p. (IDB *Technical Note*; 535). Disponível em: <https://publications.iadb.org/pt/analise-e-trajetoria-do-programa-centros-vocacionais-tecnologicos-no-brasil> . Acesso em: 25 maio 2022.

GÓES, Fábio; MACHADO, Fernanda. **A mulher e o mercado de trabalho: permanência e perspectivas**. Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, Curitiba, v. 10, n. 99, p. 48-64, maio 2021.

GOMES, Elciane Silva; MENEZES, Mariana Rocha; BARROS, Adriana Lima. **A sociedade e os papéis atribuídos para homens e mulheres**. Anais III SINESPP, Simpósio Internacional Estado, Sociedade e Políticas Públicas I Programa de Pós-graduação em Política Pública - Universidade Federal do Piauí, 2020.

GOMES, Fernanda de Cassia Rodrigues. **Gênero e trabalho: considerações necessárias ao debate**. Anais III SINESPP, Simpósio Internacional Estado, Sociedade e Políticas

Públicas I Programa de Pós-Graduação em Política Pública -Universidade Federal do Piauí, 2020.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JUNGES, Debora de Lima Velho; ROSA, Lucas Pereira da; GROGINOTTI, Valéria Gislaine. **Projetos de incentivo e permanência de mulheres em áreas da STEM**. *Revista De Estudos Em Educação E Diversidade - REED*, 3(9), 1-18. <https://doi.org/10.22481/reed.v3i9.10939>, 2022.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. - 6.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

NETO, Ivan Rocha. **Avaliação do Programa de Apoio à Criação e Modernização de Centros Vocacionais Tecnológicos**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Revista Tecnologia e Sociedade, 2010 - redalyc.org Local: editora, 2010.

PEIXOTO, Ana Paula Melo. **A crise e desmonte do ensino profissionalizante na rede Faetec: o caso da Escola Técnica Estadual João Barcelos Martins**. Campos dos Goytacazes/RJ, UENF, 2020.

QUIRINO, Raquel. **Relações de gênero, tecnologia e formação profissional de mulheres no segmento de mineração**. 37ª Reunião Nacional da ANPED -04 a 08 de outubro, Florianópolis: UFSC, 2015.

SANTOS, Francisca Kananda Lustosa dos; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. **Patriarcado como estrutura da cultura machista na escola**. Anais III SINESPP, Simpósio Internacional Estado, Sociedade e Políticas Públicas I Programa de Pós-Graduação em Política Pública -Universidade Federal do Piauí, 2020.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, vol.20, n.2, jul/dez, 1995.

SILVA, Marinete Santos da; GAMA, Zacarias Jaegger. **Permanência e evasão escolar são também questões de gênero? (Um ensaio à luz da teoria de gênero)**. Revista Científica Internacional, ano 1- n 03 dez-2008.

SMALLBONE, Chris; PAES, Luiz Eduardo dos Santos. **O papel da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e da Associação Brasileira de Soldagem (ABS) em relação à Capacidade Nacional de Soldagem no Brasil para se alcançarem os objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU)**. Local: Revista Soldagem & Inspeção, 2022; 27:e 2719.<http://doi.org/10.1590/0104-92224/SI27.19>.

SOARES, Manoel de Jesus A. **As Escolas de Aprendizagens e suas fontes inspiradoras**. Forum educ., Rio de Janeiro, Local: editora, 1981.

SOLIS, Fernandes. **Do remoto ao retorno presencial: uma análise do ensino durante a pandemia do Covid-19 a partir de um estudo de caso no Rio de Janeiro**. Local: Revista Ensaios Filosóficos, 158 Volume XXIV- dezembro/2021.

WIRTH, Ioli Gewehr. **As relações de gênero em cooperativas populares do segmento da reciclagem: um caminho para a construção da autogestão?** Dissertação (mestrado)

– Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP [s.n.]. 2010.

ⁱ A partir dos estudos de Peixoto (2020, p.70) compreendemos que a FAETEC foi criada pela Lei Estadual nº2735, de 10 de junho de 1997. Sua finalidade é gerir a Rede de Ensino Tecnológico do Estado do Rio de Janeiro, que está subordinada à Secretária de Ciência, Tecnologia e Inovação – SECTI. Substituta da Fundação de Apoio à Escola Pública do Estado do Rio de Janeiro (FAEP), antigamente vinculada à Secretaria Estadual de Educação.